

A VIVÊNCIA DO SLACKLINE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: ecoformando para uma cidadania planetária

Marcos Vinícius Guimarães de Paula, UEG¹

Livia Alessandra Carvalho Teles²

João Henrique Suanno, UEG³

Eixo temático 7: Experiências educacionais para implementação dos Sete Saberes para uma educação do futuro

RESUMO

O presente texto discorre sobre a ecoformação e sua relevância para se formar cidadãos planetários comprometidos com a vida do e no planeta. Esse trabalho se configura ainda como um relato de uma intervenção pedagógica transdisciplinar desenvolvida na disciplina de Educação Física com os alunos de duas turmas de 8º ano do ensino fundamental de uma escola pública da rede municipal de ensino de Anápolis-Go. Foi desenvolvida uma oficina de slackline com os educandos, objetivando estabelecer diálogos possíveis entre as práticas corporais e o meio ambiente sob o olhar da complexidade e da transdisciplinaridade. Nessa ação pedagógica, foram também trabalhados os seguintes saberes necessários à educação do futuro elaborados por Edgar Morin: ensino da identidade terrena, ensino da condição humana, ensino da compreensão e enfrentar as incertezas. Assim, acredita-se que a experiência pedagógica aqui retratada colaborou significativamente para despertar a consciência planetária dos educandos, levando-os a atingir novos níveis de percepção para o planeta e novos níveis de consciência para si, para os outros e para tudo que os rodeia.

Palavras-chave: Ecoformação. Transdisciplinaridade. Cidadania Planetária.

Introdução:

À luz da complexidade e da transdisciplinaridade, o presente trabalho discute a importância da ecoformação na escola, destacando sua contribuição na formação de sujeitos conscientes de suas ações no mundo, capazes de exercerem uma cidadania planetária.

Relata também uma experiência pedagógica transdisciplinar na Educação Física, dialogando as práticas corporais com o meio ambiente. Foi desenvolvida uma oficina de

¹ Aluno regular da terceira turma do Mestrado interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Bolsista CAPES/ FAPEG, edital nº06/2014. Professor de Educação Física na rede municipal de ensino de Anápolis-Go. Email: marcosviniciusguimaraesdepaula@outlook.com.

² Professora de Educação Física na rede municipal de ensino de Anápolis-Go. Email: liviale23@hotmail.com

³ *PhD* em Educação pela Universidade de Barcelona–Espanha. Professor do Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Orientador do mestrando Marcos Vinícius Guimarães de Paula. E-mail: suanno@uol.com.br

slackline com os alunos de duas turmas de 8º ano do ensino fundamental de uma escola pública da rede municipal de ensino de Anápolis-Go. Vale mencionar que a finalidade dessa intervenção pedagógica foi colaborar para que os alunos transcendam para novos níveis de consciência e de realidade, compreendendo a importância de cuidar do lar-Terra.

Em relação à fundamentação teórica, esse estudo utilizou as ideias de D'Ambrósio (1997), Petraglia (2014), Suanno (2014) e Moraes (2014) para discutir a respeito da ecoformação e de uma educação cuidadora do planeta. Apoiou-se também no trabalho de Morin (2000) para dialogar a ecoformação com alguns saberes necessários a uma educação comprometida com as demandas sociais contemporâneas.

Transdisciplinaridade e Ecoformação: a escola como espaço de formação para a cidadania planetária

Uma temática essencial que a teoria epistemológica da complexidade e a transdisciplinaridade abarcam em seu universo de discussão é a ecoformação, destacando a cidadania e identidade planetária. Esse trabalho passa a dialogar sobre esse tema tão relevante e conectado às demandas sociais do século XXI, compreendendo que a ecoformação, ou seja, a formação para consciência planetária é uma forma de se efetivar a transdisciplinaridade e o pensamento complexo nos ambientes escolares.

Nessa perspectiva, Suanno (2013) discorre sobre a importância da ecoformação, nos dizendo que ela tem:

Um importante papel na ação formativa do sujeito e da sociedade em relação à sua interação com a natureza e os meios de realizar uma convivência sadia e duradoura, que perpetue o bem estar pessoal e social com o ambiente. O humano é imprescindível numa relação porque dele emerge todos os atos que podem tanto agredir como buscar a manutenção do equilíbrio em tudo que se envolve, pois cria e mantém seus vínculos e desenvolve sua vida a partir da vida e para a vida, o que deve ser sempre realizado de maneira sustentável. Compreender o mundo como um sistema é perceber-se integrado a ele e, simultaneamente, corresponsável pela sua organização. Também as aprendizagens escolares podem ser no sentido do desenvolvimento de percepções multissensoriais e interdisciplinares, que as relacionem e contextualizem com a não disciplinaridade das relações do mundo. As pessoas, se autopercebidas como polinizadoras de princípios e valores, contribuem, sobremaneira, com a convergência dos elementos da natureza em uma relação sistêmica equilibrada com a vida. (p. 157-158).

Sendo assim, acredita-se ser relevante problematizar a sustentabilidade e a preocupação com o planeta em que habitamos sob o prisma da transdisciplinaridade, uma vez que o mesmo padece de um olhar sensível, frente à devastação dos seus recursos. Contudo, para isso, concorda-se com a reflexão de Morin (2005) a respeito da necessidade da reforma do pensamento humano, saindo do paradigma cartesiano para o pensamento complexo, que permitirá a compreensão de que “somos cidadãos corresponsáveis pelo destino do nosso corpo, de nossa casa, de nosso bairro, de nossa comunidade, cidade, País, de nosso Planeta.” (PETRAGLIA, 2014, p. 129).

É necessário nos atentarmos para a qualidade de vida do e no planeta em virtude de fatores como o crescimento exponencial da população, o uso de combustíveis fósseis, conduzindo à poluição da atmosfera e alterações do clima e do nível da água marítima, a destruição do habitat da vida e os altíssimos gastos de recursos materiais em guerras e a preparação para as guerras (D’AMBRÓSIO, 1997). Todos esses fatores nos mostram que o planeta Terra está morrendo, não mais aos poucos, mas rapidamente. Nesse sentido, D’ambrosio (1997) alerta:

A sobrevivência da Terra está ameaçada, tornando-se uma preocupação central e imediata. A situação atual exige medidas urgentes em todos os setores – científico, cultural, econômico e político -, além de uma sensibilização de toda humanidade. Devemos abraçar a causa contra o inimigo comum com todos os povos do planeta. O inimigo é qualquer ação que ameace o equilíbrio do nosso ambiente, ou que reduza a herança do passado e do presente para as gerações futuras. (p. 49).

É nesse aspecto que a transdisciplinaridade objetiva, com a parceria da instituição escola, despertar o ser humano para alcançar novos níveis de consciência, repensando suas ações enquanto ser pertencente ao planeta Terra, pois a busca pela qualidade de vida na e da Terra é uma necessidade urgente, sem a possibilidade da espera, visto que Moraes (2014) afirma:

A busca de uma qualidade de vida sustentável é urgente e necessária, para que possamos garantir a continuidade das espécies que convivem em nosso planeta, a continuidade de nossa civilização. Portanto, é uma qualidade de vida que não se restringe apenas ao ser humano, mas a toda comunidade terrestre, já que somos apenas um elo da grande cadeia do Ser, mas um elo portador de consciência, de sensibilidade e de inteligência. (p. 21).

Ora, o planeta-casa-Terra não suporta mais toda essa exploração a qual é brutalmente submetida pelo próprio humano, com quem está intimamente ligado. Surge

então, a esperança de que a humanidade repense seus valores e sua essência terrena, pois como bem reflete Petraglia (2014, p. 133): “precisamos mudar radicalmente o nosso modo de interagir com o Planeta”. Nossa Terra-casa pede socorro, uma vez que para Moraes (2014), a Terra já não

Suporta a voracidade insaciável de seus consumidores e é preciso mudança de consciência para que possamos reverter esta lógica terrível de nossa máquina produtivista para evitar a desertificação das terras férteis e agricultáveis, o aquecimento do planeta, as chuvas ácidas e as tempestades que tanta destruição e transtornos vêm trazendo para a vida de todo e qualquer cidadão. (p. 23).

O que se propõe é uma visão para além de uma consciência ecológica simplista, mas um entendimento de ser juntamente com a Terra um organismo vivo. É preciso, pois, “compreender-se enquanto ‘ser terrestre’ e habitante de um todo planetário, cuja complexidade lhe permita vislumbrar a necessidade e a urgência de solidarizar-se com o Universo” (PETRAGLIA, 1995, p. 77).

Há, portanto, de acordo com Suanno (2014):

A necessidade de consciência e responsabilidade para com o planeta que se tem exaurido em seus recursos, explorado, até agora, em demasia e sem a devida preocupação com a sua preservação, para sua utilização pelas gerações futuras e pela manutenção da saúde deste planeta-casa em que vivemos. (p. 172)

Para isso, destaca-se a ecoformação para ajudar a formar um cidadão consciente de suas ações para com o outro, com a comunidade a qual faz parte, consigo mesmo, com o mundo, bem como um cidadão afetivo, atuante, crítico, protagonista social, ou seja, com consciência ecoformadora (SUANNO, 2014). Antes de problematizar a ecoformação, cabe discorrer sucintamente sobre dois conceitos relevantes relacionados, que são a autoformação e a heteroformação (PINEAU, 2014).

Conforme destaca Pineau (2014), a heteroformação está relacionada à ação dos outros e a autoformação consiste na força de formação do eu, que “torna o decurso da via mais complexo e que cria um campo dialético de tensões, pelo menos tridimensional, rebelde a toda a simplificação unidimensional.” (PINEAU, 2014, p. 01). Já a ecoformação, foco desse estudo, trata-se da ação voltada para o meio ambiente, que está intimamente relacionada com a autoformação e a heteroformação, pois se compreende que tudo está ligado a tudo. Assim, todas elas, auto, hetero e ecoformação estão ligadas em uma relação dialética de dependência, de modo que uma não existe

sem as demais. Ou seja, não se pode pensar na ecoformação, sem dialogar com as ações exercidas consigo mesmo e com os outros. Isso revela que para cuidar do planeta há a necessidade intrínseca de cuidar de si e dos outros.

Sobre essa temática, Torre, Pujol e Moraes (2008) entendem a ecoformação como:

Uma maneira sintética, integradora e sustentável de entender a ação formativa, sempre em relação com o sujeito, a sociedade e a natureza. O caráter de sustentabilidade só é possível quando se estabelecem relações entre todos os elementos humanos. A partir do enfoque transdisciplinar a entendemos como um olhar diferente da realidade e seus diversos níveis. A ecoformação comporta, entre outras, as seguintes características: a) vínculos interativos com o entorno natural e social, pessoal e transpessoal. b) desenvolvimento humano a partir e para a vida, em todos seus âmbitos e manifestações de maneira sustentável. A sustentabilidade é um objetivo substantivo da ecopedagogia, ecoprojeto, ecoavaliação, ecossistemas. c) caráter sistêmico e relacional que nos permite entender a formação como redes de relações e campos de aprendizagem. d) caráter flexível e integrador das aprendizagens, tanto pela sua origem multidimensional e interdisciplinar, como pelo seu poder polinizador. e) primazia de princípios e valores meio ambientais que tomam a Terra como um ser vivo de onde convergem os elementos da natureza (p. 60-61).

Nessa direção, a ecoformação encontra na instituição social escola, pensada pelo viés transdisciplinar, espaço para disseminar, reverberar e polinizar a consciência planetária e ecoformadora, já que a escola desempenha um papel relevante no que se refere à formação humana.

A escola do século XXI, conectada com as demandas sociais da vida do planeta torna-se solo fértil para germinar a identidade terrena e refletir a ideia de que cada ser humano é um agente planetário. Dessa forma, a escola tem a possibilidade de ecoformar.

Vale acrescentar que ecoformar é construir uma educação global, totalizante, sustentável e solidária marcada, prioritariamente, pelo compromisso com o planeta e a qualidade de vida dele e ao mesmo também de seus habitantes. Em síntese, para Suanno (2013):

Ecoformar é buscar promover, construir a educação para um desenvolvimento sustentável associada a uma educação da solidariedade, do compromisso com o planeta e todos seus habitantes. Desenvolvendo uma educação ambiental, também atenta aos direitos humanos e à paz. Uma educação que promova interações entre o ambiente, o progresso social e o desenvolvimento econômico. Isto implica pensar a preservação da vida e adequadas condições para todos, a criação de um ambiente saudável, acolhedor e preservado. Supõe-se um trabalho educativo pautado nas inter-

relações, objetivando, ao mesmo tempo, o alcance de três objetivos: o desenvolvimento econômico, o progresso social e a proteção ambiente para todos os seres vivos e o desenvolvimento da humanidade. (p. 175).

Aqui, percebe-se a relevância social da escola. É inegável a sua função de trabalhar com os conteúdos construídos historicamente, permitindo que o aluno construa saberes importantes para vida. Entretanto, esse espaço também é local de formação sensível humana. Ademais, pensando a escola na contemporaneidade, cabe dizer também que a mesma pode “provocar discussões relevantes sobre os desdobramentos e consequências de cada problema e sobre o destino de nossa Terra-Pátria” (PETRAGLIA, 2014, p. 136).

A Ecoformação e a transdisciplinaridade revelam-se, portanto, como caminhos possíveis para a compreensão por parte do indivíduo de que ele ao mesmo tempo em que está integrado ao planeta, também é co-responsável por ele. Potencializando assim, o sentimento de pertencimento a nossa Terra-Pátria (MORIN, 2000).

Sendo assim, a ecoformação busca explorar aspectos humanizados necessários à vida como a cultura da paz, a solidariedade, a cooperação, o respeito, a diversidade, a sustentabilidade, o amor, dentre outros que podem trazer resultados e impactos positivos no seio escolar e, conseqüentemente, na sociedade, trazendo melhor qualidade de vida a todos. Por isso, no que tange a ecoformação, Moraes (2014) problematiza sobre a necessidade de ensinar na e para sustentabilidade, sendo que educar na sustentabilidade é cuidar da corporeidade, da espiritualidade, do sagrado de cada um, das relações consigo mesmo e com a natureza. É ainda:

Educar para restabelecer a inteireza humana, para deixar aflorar a beleza de cada ser humano. É criar condições para evolução do sentimento, da inteligência e do espírito humano, para que cada ser humano possa realizar a finalidade maior de sua existência sem precisar agredir ou negar a existência do que quer que seja. (p. 40).

Desse modo, educar para a sustentabilidade dialoga indissociavelmente com educar na sustentabilidade. De acordo com Moraes (2014), educar para a sustentabilidade é:

Procurar ajudar o outro a sair da ilusão em que se encontra, a aprender que humildade não é apenas uma virtude do ser humano, mas também uma manifestação da essência mais pura da natureza. Educar para poder se sustentar é ajudar a ver com clareza para melhor perceber a essência das coisas ao redor. Ver com clareza é ver exatamente aquilo que é e nada mais. É olhar com os “olhos do coração”, com o olho do espírito que tudo vivifica e

ilumina, reconhecendo que cada coisa tem seu lugar correspondente nesta vida, sua condição para existir, crescer e evoluir. Implica o aprender a olhar e a compreender a partir de um coração amoroso, complacente e generoso, um olhar que jamais menospreza, que aceita, que compreende, compadece e ama. (p. 41).

Urge compreender que a escola sob o olhar complexo e transdisciplinar colabora com a reforma do pensamento humano, contribuindo para que o educando atinja novos níveis de realidade e de consciência, e passe a ter novas percepções para consigo próprio, com os outros e também para a vida do planeta.

Portanto, verifica-se que estabelecer diálogos entre a escola e a ecoformação em uma proposta transdisciplinar está em consonância com o objetivo de educar na e para sustentabilidade, que por vez sua revela uma preocupação sensível e necessária com nossa casa-Terra.

Em síntese, para Mores (2003, p. 49), a ecoformação permite compreender que “na realidade, como tudo está relacionado com tudo, interligado através de uma teia – a grande teia da vida – onde todas as coisas estão inter-relacionadas, estruturalmente acopladas, viver nada é mais do que conviver.”.

Uma educação escolar ecoformadora comprometida com a cidadania planetária se faz urgente, sendo necessário pensar possibilidades de ações ecoformadoras na escola. Assim sendo, o presente trabalho relata a seguir uma ação pedagógica transdisciplinar e ecoformadora desenvolvida na disciplina de Educação Física.

A experiência pedagógica com o slackline na Educação Física Escolar

O presente trabalho passa a relatar uma experiência pedagógica desenvolvida sob a ótica da transdisciplinaridade e da complexidade realizada na disciplina de Educação Física com os alunos de duas turmas de 8º ano do ensino fundamental de uma escola pública da rede municipal de ensino de Anápolis-Go.

Essa ação pedagógica envolveu aproximadamente 60 alunos e dois professores de Educação Física, sendo que um deles era professor das turmas e o outro, também professor da escola, auxiliou no desenvolvimento de toda atividade. Vale destacar que essa intervenção pedagógica contou com o apoio da equipe gestora da unidade escolar.

O objetivo dessa intervenção pedagógica consistiu em dialogar as práticas corporais com o meio ambiente, destacando possibilidades de vivências corporais em meio à natureza. Assim, objetivou-se trabalhar com os princípios da ecoformação na

disciplina de Educação Física. Para isso, o professor de Educação Física da turma apresentou aos alunos a proposta de vivenciarem o slackline, que é um esporte de equilíbrio sobre uma fita elástica esticada entre dois pontos fixos. Normalmente, esses pontos de apoio são duas árvores.

Os alunos foram convidados a participar de uma oficina de slackline em um parque da cidade de Anápolis-Go, chamado parque ambiental Ipiranga. Para a realização dessa oficina, a secretaria municipal de educação de Anápolis-Go disponibilizou um ônibus para realizar o transporte dos alunos e dos professores, sendo que cada aluno recebeu um pedido de autorização destinado aos seus responsáveis.

Para a realização da oficina, os professores contaram com o apoio de uma ONG que trabalha com esportes de aventura, que se disponibilizou a desenvolver o trabalho com os alunos. Cabe mencionar que nada foi cobrado aos educandos, sendo que a ONG somente solicitou a ajuda voluntária dos mesmos com a doação de alimentos não perecíveis para algumas famílias carentes.

Nesse sentido, a intenção de realizar essa oficina de slackline com os alunos em um parque, em meio às árvores, com os pés descalços, sentindo o frescor do vento era de despertá-los para a necessidade de cuidar de nosso planeta Terra, compreendendo que ele tem muito a nos oferecer, inclusive com momentos de lazer e prazer por meio de práticas corporais.

Foi discutido com os alunos, no dia da oficina, a respeito da co-responsabilidade de cada um para com a vida no e do planeta, objetivando ensinar a identidade terrena, conforme nos revela Morin (2000) e também ajudar na ecoformação de sujeitos conscientes de suas ações no mundo. Dessa forma, compreendendo sua identidade terrena, acredita-se que os alunos poderão ter consciência planetária e, assim, é possível que exerçam uma cidadania planetária.

Entende-se que ensinar a identidade terrena é ensinar a cuidar do planeta, despertando as consciências para o entendimento de que somos sujeitos planetários, interligados energeticamente uns com os outros e com o planeta. Nessa perspectiva, com base em Morin (2000), avalia-se que ações pedagógicas desenvolvidas na escola como essa da oficina de slackline permitem compreender que:

É necessário aprender a “estar aqui” no planeta. Aprender a estar aqui significa: aprender a viver, a dividir, a comunicar, a comungar; é o que se aprende somente – e por meio de – culturas singulares. Precisamos doravante aprender a ser, viver, dividir, e comunicar como humanos do planeta Terra, não mais somente pertencer a uma cultura, mas também ser terrenos.

Devemo-nos dedicar não só a dominar, mas a condicionar, melhorar e compreender (p. 76).

Além disso, entende-se que a experiência pedagógica relatada nesse trabalho contribuiu para que os alunos reconhecessem a sua condição planetária, ou seja, se reconhecessem como um ser no mundo, cujas ações interferem diretamente na vida da Terra. Assim, almejou-se trabalhar também com outro saber necessário à educação do futuro, isto é, o ensino a condição humana (MORIN, 2000).

Com a oficina, os alunos puderam experimentar o slackline como um elemento da cultura corporal de movimento, conhecendo novas possibilidades de vivências corporais e adquirindo novas experiências de movimentos. Vale pontuar que a grande maioria dos alunos nunca havia experimentado o slackline, sendo notório que a atividade revelou-se desafiadora para muitos educandos. Destaca-se ainda que foi uma atividade lúdica, prazerosa, alegre e divertida, tanto que um dos alunos disse: “foi a melhor ‘coisa’ que já aconteceu na escola!”.

Cabe destacar ainda que outro saber descrito por Morin (2000) foi possível de ser trabalhado com a vivência do slackline: enfrentar as incertezas. Como no slackline é preciso equilibrar-se constantemente na fita e também é necessário começar novamente a cada queda, os professores e a equipe da ONG contextualizaram o slackline com a vida, refletindo que a vida é um eterno equilibrar-se em um caminho imprevisível. Atividades como essa ajudam a ensinar que a vida é uma aventura desconhecida, o futuro é aberto e o novo não pode ser previsto.

Dialogando com o contexto educacional, Morin (2000) discorre que a educação deve-se voltar para as incertezas, pois o conhecimento é “uma aventura incerta que comporta em si mesma, permanentemente, o risco de ilusão e de erro. [...] o conhecimento é a navegação em um oceano de incertezas.” (MORIN, 2000, p. 86).

Ademais, o ensino da compreensão, outro saber necessário à educação do futuro descrito por Morin (2000) foi trabalhado com a oficina de slackline. Como a maioria dos alunos não sabia as técnicas corretas e não conheciam a modalidade foi preciso que o pessoal da ONG e os professores os auxiliassem, segurando em suas mãos. Em determinados momentos da atividade, os próprios alunos se ajudaram, uns apoiando os outros ao andar na corda. Com isso, foi possível problematizar com os educandos a respeito da necessidade dos outros e de sua dependência em nossas vidas, despertando-os para a necessidade de valorizar o outro, pois ninguém vive sozinho, ou seja, o eu e o outro se realizam no encontro. (MATURANA, 1999).

Nessa direção, avalia-se que a proposta da oficina de slackline contribuiu para ecoformação dos alunos envolvidos, despertando-os para uma cidadania planetária, cujas ações conscientes serão significativas para construir um mundo melhor para se viver. Além de ecoformar, a vivência no slackline possibilitou por em prática saberes necessários à educação do presente e do futuro propostos pelo inspirador Edgar Morin.

Considerações Finais

O planeta Terra está morrendo. É preciso nos levantar contra toda cruel devastação de nosso lar-Terra. Pensando nisso, encontramos na complexidade, na transdisciplinaridade e na ecoformação caminhos para uma nova postura diante da vida, mais humana, solidária, sensível e ecológica.

Ecoformar é ensinar a cuidar do planeta, mas também é ensinar a cuidar de si e dos outros, pois estamos todos interligados em uma grande teia, a teia da vida. Dessa maneira, ecoformar contribui para a formação de sujeitos humanizados, críticos e sensíveis a tudo que está a sua volta, que passarão a exercer uma cidadania comprometida com a vida do e no planeta, isto é, uma cidadania planetária.

Compreende-se ainda que ecoformar colabora também para desenvolver uma prática pedagógica complexa e transdisciplinar, capaz de ensinar a condição humana, a compreensão, a identidade terrena e a enfrentar as incertezas, dentre outros saberes necessários a educação como bem nos alerta Edgar Morin.

Em suma, o presente trabalho problematiza a disciplina de Educação Física à luz da transdisciplinaridade, destacando a possibilidade de dialogar as práticas corporais com o meio ambiente, como no caso apresentado da oficina de slackline. Avalia-se que atividades pedagógicas como a relatada nesse trabalho ajudam a despertar as consciências dos alunos para a necessidade de não apenas cuidar, mas também de amar o planeta, contribuindo para a formação de cidadãos planetários.

REFERÊNCIAS:

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Transdisciplinaridade** São Paulo: Palas Athena, 1997.

MATURANA, Humberto. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MORAES, Maria Cândida. **Educar na biologia do amor e da solidariedade**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2003.

_____. Educação e sustentabilidade: um olhar complexo e transdisciplinar. In: MORAES, Maria Cândida; SUANNO, João Henrique. **O pensar complexo na educação: sustentabilidade, transdisciplinaridade e criatividade**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgar de Assis Carvalho – 2. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

_____. **O método 6: Ética**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

PETRAGLIA, Izabel. **Edgar Morin: a educação e a complexidade do ser e do saber**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

_____. Entre o esgarçamento e a tessitura. In: MORAES, Maria Cândida; SUANNO, João Henrique. **O pensar complexo na educação: sustentabilidade, transdisciplinaridade e criatividade**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

PINEAU, Gaston. **A autoformação no decurso da vida**. <http://cettrans.com.br/textos/a-autoformacao-no-decurso-da-vida.pdf>. Acessado em 14/12/2014.

SUANNO, João Henrique. **Escola Criativa e Práticas Pedagógicas Transdisciplinares e Ecoformadoras**. Tese de Doutorado. Defesa em 09 de maio de 2013. Orientação da Profa. Dra. Maria Cândida Moraes. Brasília/DF: Universidade Católica de Brasília – UCB, 2013.

_____. Ecoformação, transdisciplinaridade e criatividade: a escola e a formação do cidadão do século XXI. In: MORAES, Maria Cândida; SUANNO, João Henrique. **O pensar complexo na educação: sustentabilidade, transdisciplinaridade e criatividade**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

TORRE, Saturnino de La; MORAES, Maria Cândida; PUJOL, María Antónia. **Transdisciplinaridade e ecoformação: um novo olhar sobre a educação**. São Paulo: Triom, 2008.